

UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE ÚRUTAI

SONHOS DE ANTONIETA

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE ÚRUTAI

SONHOS DE ANTONIETA

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado
de Urutaí: sonhos de Antonieta

1ª Edição – Setembro de 2023

DOI: <https://doi.org/10.57242/AeBook00002b>

Organizadores: Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

Edição e Capa: Ruan Rocha Mesquita

Imagens: Inteligência Artificial Microsoft Bing Creator

Revisão Ortográfica: Simone Aparecida Fonseca Alves e Antônia
Glosvalda Olinda Braga Correia

Apresentação: Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

Prólogo: Grassyara Pinho Tolentino

Prefácio: Dolores Fernández Malanda, Carmen Palmero Cámara e
Alfredo Jiménez Eguizábal

Posfácio: Regiani Magalhães de O. Yamazaki

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação - AINPGP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122

Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de
Urutaí: sonhos de Antonieta. [recurso eletrônico] / Organização de Daniel
Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita. - 1.ed. - Cajazeiras: AINPGP, 2023.
(Coleção Cadernos de ideias para mudar o mundo; 3)

128 p.

ISBN: 978-65-87527-26-0

1. Educação. 2. Contos. 3. Educação superior. 4. Aprendizagem. 5.
Estudantes pesquisadores. I. Martins, Daniel Valério. II. Mesquita, Ruan
Rocha. V. Título.

CDU: 37:869.3

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

Copyright © 2023 AINPGP e autores

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo
que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem
a autorização por escrito dos autores do livro.



Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/n
Populares, Cajazeiras - PB, CEP: 58900-000

<https://ainpgp.org/>

INSTITUIÇÃO

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

DIRETORIA

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (Presidente)

Prof^ª Dr^ª. Elzanir dos Santos (Vice-Presidente)

Prof. Me. Willyan Ramon de Souza Pacheco (Secretária)

Anna Catarine Amaral – Graduanda (Suplente de Secretário)

Prof^ª Me. Francicleide Cesário de Oliveira (Tesoureira)

Alzira Bruceleide Alves Dias - Graduanda (Suplente de
Tesoureira)

CONSELHO EDITORIAL (NACIONAL E INTERNACIONAL)

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)

Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)

Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (UFCEG)

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)

Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)

Prof^ª. Dr^ª. Ciclene Alves da Silva (UERN)

Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)

Prof^ª. Dr^ª. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)

Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)

Prof^ª. Dr^ª. Elzanir dos Santos (UFPB)

Prof. Dr. Ernano Arraias Junior (UFERSA)

Prof. Dr. Fernando Gil Villa (USAL y ABS-USAL/Espanha)

Prof^ª. Dr^ª. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)

Prof^ª. Dr^ª. Francicleide Batista de Almeida Vieira (UFRN)

Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERJ)

Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)

Prof^ª. Dr^ª. Kássia Mota de Sousa (UFCEG)

Prof^ª. Dr^ª. Maria da Paz Cavalcante (UERN)

Prof^a. Dr^a. Maria Eliete de Queiroz (UERN)
Prof^a. Dr^a. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCEG)
Prof^a. Dr^a. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)
Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/ UNILAB/ Brasil)
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFSM)
Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)
Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)
Prof^a. Dr^a. Racquel Valério Martins (ABS-USAL/Espanha)
Prof. Dr. Renato Alves Vieira de Melo (ABS-USAL/ Espanha)
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)
Prof^a. Dr^a. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)
Prof^a. Dr^a. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
Prof^a. Dr^a. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

A compilação de responsabilidade assumida pelos autores foi validada pelo processo de revisão fechada por pares, ou seja, os manuscritos científicos passaram pelo crivo avaliativo do CONSELHO EDITORIAL, a fim de garantir a credibilidade da produção, já que a AINPGP, por seu comprometimento com os conteúdos da ciência, toma por preceito ético o atendimento das normas para publicação determinadas pela CAPES.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Daniel Valério Martins,Ruan Rocha Mesquita	
Prólogo	11
Grassyara Pinho Tolentino	
Prefácio	13
Dolores Fernández Malanda, Carmen Palmero Cámara, Alfredo Jiménez Eguizábal	
1. O reino distante	19
José Manuel de Azevedo Pedrosa	
2. Os gêmeos	24
Júlio Rafael Assunção de Faria	
3. Cuidados especiais	32
Pedro Caldas Peixoto	
4. Os rumores	36
Lauriely Alves da Silva	
5. O inventor	41
Eliseu Fernandes Correa	
6. A família do “B”	48
Higor Henrique Brito Pacheco	
7. A visita	59
Kainã Caixeta	
8. A maldição	69
Larissa Giovanna Pereira de Lima	
9. O falso feiticeiro	72
Victor Hugo Lopes de Castro	
10. Problemas na Educação	78
Vinícius dos reis Paiva	
11. A longa jornada	81
Amanda Rodrigues de Almeida	
12. O último pedido	86

Emmanuel Braga do Nascimento

13. O regresso	90
Nicolas Dias de Melo	
14. Este é o nosso rei	93
Yasmim de Oliveira Moreira	
15. Sonhos realizados	98
Lucas Marques Guimarães	
Comentários sobre a obra	101
Comentário 1	101
Adriele do Nascimento Melo	
Comentário 2	103
Luz del Alba Rincón Méndez	
Comentário 3	105
Vinicius Martins Varella, Henrique Martins Varella	
Comentário 4	108
Silvania Márcia Bezerra Viana	
Comentário 5	109
Racquel Valério Martins	
Comentário 6	113
Euzelene Rodrigues Aguiar	
Comentário 7	116
Gicelma Chacarosqui	
Comentário 8	118
Daniel Junior de Oliveira	
Comentário 9	120
Rosângela Soares Xavier	
Posfácio	123
Regiani Magalhães de O. Yamazaki	
Sobre os autores	125
Sobre os organizadores	127

APRESENTAÇÃO

Iniciamos esse texto com uma frase que ecoou em nossas mentes durante a Semana Pedagógica do IF Goiano do Campus de Urutaí no momento da mostra dos resultados do trabalho realizado a várias mãos entre os alunos das disciplinas de Relações étnico-raciais dos cursos de Química e Educação Física com os alunos do PPGNEB da disciplina de Dissertação: do curso 2022.2, “enquanto alguns fazem provas, vocês fazem livros”.

Essa frase foi dita no momento da apresentação do primeiro conto colaborativo realizado por todos os alunos dos cursos mencionados anteriormente, “Um Caderno para as ideias de um jovem do IF Goiano que quer mudar o mundo”.

Ao ouvir a frase, nos remeteu a várias reflexões sobre a importância de um repensar das práticas pedagógicas, de sistemas de avaliação que realmente venham a contribuir com os alunos e uma conscientização na formação enquanto futuros profissionais da educação. Essa ideia parte de uma

teoria em desenvolvimento chamada de “Avaliação Materializada”, em que o fruto de avaliações, em formatos de textos, uma vez publicados será levado por toda a vida nos currículos desses alunos.

A ideia central na construção dos contos parte de dinâmicas de grupo e técnicas pedagógicas como a contação de histórias, calcadas em autores como: Antoine de Saint-Exupéry; Jérôme Ruillier; Rubem Alves e Machado de Assis.

As dinâmicas partem de interpretações de frases de contos como o *Pequeno Príncipe* e o conto *Por quatro esquinitas de nada*, depois posta em prática com discussões sobre a moral das histórias. No caso desse novo material que vem a luz, somam-se às ideias de leituras de obras como o *Conto de Escola*, de Machado de Assis, e da obra *Estórias para quem gosta de ensinar*, de Rubem Alves. Este elabora uma antologia de histórias e entre elas várias chamadas de *o País dos dedos gordos*.

Surge então a Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo, e esse volume agora apresentado

“Um caderno para as ideias na Educação do reino Encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta”, foi escrito pelos(as) alunos(as) da disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do 3º período do curso de Educação Física noturno.

A coleção agrupa contos que mostram as preocupações sobre o desenvolvimento humano por meio da Educação.

A princípio a roupagem que vemos são de contos infantis, com personagens como reis, rainhas, príncipes e princesas, além de arautos, magos, feiticeiras e outros com títulos de nobreza, mas o que está implícito é uma carga de questionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais com a missão de desvelar os problemas do reino e quiçá possam contribuir com a mudança do mundo por meio da Educação.

Cada turma do período de 2023.1 (das disciplinas de Relações Étnico-raciais de química, Educação inclusiva, Diversidade e Cidadania da Educação Física e do PPGENE) foi responsável por um dos

volumes da coleção, e cada um mostra problemas visíveis em nossa sociedade, que são propagados e multiplicados pela falta de interesse de alguns governantes em promover o que está estabelecido por lei “a Educação como um direito de todos e dever do Estado e da Família”.

Esperamos que essas obras possam contribuir com reflexões acerca de nossas práticas pedagógicas e sirva de um modelo que possa ser replicado, transformando os alunos “feitores de provas” em alunos “escritores e pesquisadores” dos problemas sociais e culturais de seus entornos.

Daniel Valério Martins
Ruan Rocha Mesquita
Organizadores

PRÓLOGO

Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: Sonhos de Antonieta, obra organizada por Daniel Valério e Ruan Rocha, tendo como autores os graduandos do curso de Educação Física do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, revela um modo inovador de produzir conhecimento sobre a temática da diversidade, inclusão e cidadania.

A formação do professor Daniel em pedagogia e antropologia, além das suas experiências nacionais e internacionais com a temática da diversidade, permitiu essa ressignificação estética, metodológica e conceitual no curso de Educação Física; promovendo uma educação compreensiva, que não só gerou esta bela obra, como também permitiu a expressão artística dos alunos.

A obra, além de narrar uma história cheia de reviravoltas, ainda expressa os preconceitos, as dificuldades e as barreiras sociais enfrentadas por pessoas com deficiências. Para além do posicionamento social, o enfrentamento da realidade

escolar, da inclusão e da cidadania, é tratado de forma sutil e posto como uma solução inquestionável para salvar um reino governado por um rei que aprendeu a “ver”, na diversidade e no respeito, a melhor forma de governar.

A beleza do livro, a elaboração coletiva e um enredo cativante e surpreendente incentivam a leitura a cada capítulo, mas além disso, empolgam a “alma de professor” ao ver a amplitude dessa ação formativa elaborada pelo professor Daniel Valério num período tão curto, mas significativo da sua atuação docente.

O convite à fruição da leitura supera o aprendizado sobre a temática e alcança o encantamento pelo produto, pelo processo e pela experiência provocada nos alunos e em nós leitores!

Grassyara Pinho Tolentino
Coordenadora do Curso de Bacharelado e
Licenciatura em Educação Física
Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí

PREFÁCIO

Uno de los rasgos que mejor definen una educación plenamente moderna es el equilibrio en todos sus campos de actuación entre conocimiento y emoción, cuyos valores respectivos no siempre han sido reconocidos, ni sus fronteras e interacciones respetadas. Ello, tanto dentro como fuera de las aulas, donde durante mucho tiempo se ha priorizado el conocimiento y no se ha prestado la debida atención a los aspectos emocionales.

Pero si tuviéramos que identificar un campo concreto en el que la redefinición de fronteras entre competencias cognitivas y emocionales se percibe con una intensidad más especial, ese es el ámbito del cuento y de la ficción. En la infancia, realidad y ficción mantienen una buena convivencia y relación muy estrecha. Pero la escuela, de modo reiterado y no siempre pacífico, se ha encargado de distanciarlas, y es la realidad la que parece volver a poner, una y otra vez, a la ficción al borde del abismo, menospreciando su valor como mediación para repensar e interpretar

la realidad.

Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutai: Sonhos de Antonieta tiene el mérito especial de llamar la atención sobre los aspectos emocionales en educación y el valor del cuento, cargado de semántica, como herramienta educativa. Fruto del trabajo colectivo de estudiantes de Educación Inclusiva, Diversidad y Ciudadanía del tercer periodo del curso de Educación Física nocturno y bajo la coordinación de los profesores Daniel Valério Martins y Ruan Rocha Mesquita se presentan 15 cuentos. En cada uno de ellos los dominios cognoscitivo, práctico y evaluativo de la realidad interactúan, invitan a la experimentación de conceptos e ideas libremente elegidas y son susceptibles de encarnarse en experiencias y vivencias autónomas. El atractivo especial de cada cuento está en las interacciones que suscita entre subjetividad y colectividad, sin caer en el ilusionismo consistente en hacer desaparecer los hechos, también en su potencial para crear, desarrollar

competencias y construir identidades individuales y sociales. Competencias que es necesario alcanzar para moverse con éxito entre los condicionamientos de una sociedad compleja, incierta y ambigua. El cuento no es ningún espíritu vagabundo, sino un sistema de conceptos y acciones en la que todos hemos de poder decidir, al menos en alguna medida.

Cada cuento no es descanso, sino proyecto; no es compensación, sino autorrealización. Es libertad para construir una identidad personal propia. No es, tampoco, una práctica escolar sin importancia, antes bien, se configura como una propuesta más o menos ordenada de saber y hacer -de saber hacer- con el sentido vital específico que cada educando le atribuye libre y personalmente. Es también, finalmente, una experiencia valiosa, un espacio y un tiempo donde el estudiante descubre y cultiva sus deseos de realizarse autónomamente, lo que no significa aisladamente, sino también comunitariamente.

Además, una visión conjunta de los cuentos nos

confirma que la imaginación no se agota en un solo cuento, ni en una sola actividad. Más bien se vehicula, como magistralmente plasma la obra que presentamos, en constelaciones de cuentos, cuya configuración, naturaleza, interacción y peso relativos en cada proceso educativo se puede ir reajustando a lo largo de su reinterpretación en el aula y fuera de ella, modulando las experiencias de enseñanza-aprendizaje de acuerdo a factores, internos y externos, tan diversos como puedan serlo los cambios en el contexto social y educativo, las variaciones curriculares y las peculiaridades y aspectos diferenciales de cada estudiante.

Sin embargo, el potencial creativo de los cuentos se encuentra con límites muy severos para prosperar en la praxis escolar. Y por ello esta obra alcanza mayor mérito. En su trasfondo se subraya un cierto sentimiento de inconformismo, un marcado deseo de organizar el trabajo escolar de otro modo, de construir una escuela con futuro, inclusiva, donde el cultivo de los aspectos emocionales contribuya

decisivamente a respetar la subjetividad y a reconocernos en el otro, promoviendo la inter y la tansculturalidad.

Las positivas cualidades de la obra deben atribuirse directamente a los autores y a los coordinadores, a los que conocimos al iniciar su carrera investigadora y en quien ya entonces destacaban dos rasgos de su personalidad. Por un lado, el interés por la educación y el porvenir de la escuela, hasta el punto de adoptarla como referente de conducta y desarrollo profesional y, por otro, una dedicación sin límites a la microetnografía y la mesoaxiología como vehículos idóneos para innovar realidades antropológicas, sociales y educativas. Y en esta obra se pueden apreciar nítidamente estos dos rasgos. Son dos maestros ejemplares en el más amplio y profundo sentido de la palabra.

La presentación de un libro tiene como objetivo principal animar a su lectura, suscitando curiosidad e impaciencia por iniciar cuanto antes la aventura. Por eso, con la voz prestada del propio cuento afirmamos

la bondad de su existencia y su contribución a mantener a los y las escolares siempre despiertas a la inventiva, lo que sin duda anticipa la llegada de nuevos tiempos de esplendor en una sociedad más justa e inclusiva.

Dolores Fernández Malanda
Carmen Palmero Cámara
Alfredo Jiménez Eguizábal
Professores da Universidad de Burgos

UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE URUTAÍ: SONHOS DE ANTONIETA

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire, Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.



1. O REINO DISTANTE



Era uma vez um reino bem distante chamado reino de Urutaí situado nas montanhas. Tem uma pequena população de 3 mil habitantes. Neste reino, estão castas bem demarcadas: a nobreza, o alto e baixo clero e a burguesia.

Como o reino de Urutaí é um lugar bem distante, ele é autossuficiente, com sua comida, água potável, mão de obra, saúde entre outros recursos indispensáveis à sobrevivência do reino.

O reino de Urutaí tem uma família monarca, que

está no poder há muito tempo. O rei se chama Arthur, ele tem uma bela esposa, a rainha Lucineide. Os dois governam o reino e a população, que inclusive gosta muito deles. Eles pretendem ter um filho, pois um dia precisarão de um herdeiro para lhes suceder o trono.



Entretanto a rainha não consegue engravidar, já tentaram várias e várias vezes, já foram às parteiras para tentar descobrir algo de errado e não descobriram, foram à igreja para rezar, mas também

não adiantou.

Após dez anos de tentativas frustradas, já com 40 anos de idade, em um dia chuvoso, a rainha Lucineide descobriu que estava grávida. E foi a melhor notícia que o reino já teve, o rei Arthur foi o primeiro a saber e chorou, gritou, sorriu de tanta felicidade, quase desmaiou. Com as mãos para cima ele gritou.



— Eu vou ter um filho!!!

A barriga da rainha, ao longo do tempo, estava bem grande, os familiares e a população falavam que ia ser um bebê grande e saudável, uns falavam que ia ser um príncipe e outros uma princesa, pois naquela época não se podia saber qual seria o sexo do bebê antes dele nascer. O tempo passou e chegou o grande dia do nascimento. Com todos os preparativos, com as parteiras apostas, começou o trabalho de parto.

Com muita dificuldade, a rainha não teve apenas um bebê, pois, para a surpresa de todos, teve um casal de gêmeos!



Um casal! Os pais ficaram apaixonados naqueles

bebezinhos. Babando em cima deles de tanto amor.

José Manuel de Azevedo Pedrosa



2. OS GÊMEOS



Ainda surpresos com o feliz acontecimento, o rei Arthur e a rainha Lucineide decidem nomear o filho de George e a filha, chamaram-na de Antonieta.

O rei decide, então, fazer uma grande proclamação ao seu reino:

— Meu povo Urutaíno, venho-lhes dar uma belíssima notícia! Meus filhos são gêmeos, um menino e uma menina que se chamam George e Antonieta. E por esse belo acontecimento, proclamo três dias de festas.

O reino ficou feliz com a notícia, pois gostavam de suas majestades, e ficaram mais felizes ainda com os três dias de festas.

O reino estava uma loucura, os preparativos a todo vapor. Os mensageiros iam e vinham com os convites. Os escrivães preparavam convites para

vários reinos vizinhos, como para o reino de Ipameri, o reino de Pires do Rio e o reino de Palmelo.

Alguns dias depois, aconteceu a grande festa, todos os reis vizinhos vieram e festejaram com a população de Urutaí. A festa foi muito animada e contou com várias atrações. Em uma atração, um domador de leões, para desespero de muitos, enfiou a mão na boca de um leão, mas felizmente nada aconteceu.



Um ano mais tarde, as altezas George e Antonieta estavam rastejando por todo o castelo. Antonieta se arriscava às vezes e tentava se equilibrar em pé, no entanto, o desafio ainda era grande, caía e seguia rastejando novamente, como se nada tivesse acontecido. Seu irmão não seguia as suas aventuras e se rastejava aos poucos, quando se aventurava em percorrer caminhos mais longos, chocava-se com móveis ou, até mesmo, nas paredes.



Em uma tarde, a rainha Lucineide se arrumou para tomar seu chá com suas amigas, como costumava fazer toda semana. Era um encontro rotineiro que não ousava perder, pois gostava de sair do castelo. Nesse dia, como estava feliz com o progresso de seus filhos, por estarem rastejando, levou-os ao chá. Queria mostrar às suas amigas como as crianças estavam se desenvolvendo.

Helen, Cristine e Elizabeth elogiaram, pegaram no colo e apertaram as crianças quando as viram. Antonieta não gostou das amigas de sua mãe, esperneou, porque queria viver suas aventuras no chão. Ao contrário, George se sentiu confortável no colo.

A rainha Lucineide contava as histórias sapecas de seus filhos, mas para repentinamente para socorrer George, que bateu a cabeça na mesa. Cristine olhava atentamente os seus comportamentos e decide perguntar se aquilo acontecia com frequência, então a rainha responde com sinceridade:

— Sim, ele costuma bater nos móveis, às vezes

quando lhe entrego algo em sua frente, ele não pega.

Sua amiga diz:

— Deveria levá-lo ao curandeiro, isso não é normal. Uma prima minha teve uma filhinha que tinha essas mesmas atitudes e o curandeiro disse-lhe que era cega.

A rainha olhou para Cristine perplexa, não gostando nada daquela conversa e decide ir embora, pois já era tarde.

Mais tarde, já na cama, Lucineide não conseguia dormir de modo algum. Seus pensamentos afluíam sobre o que Cristine havia dito. Pensava: — “Meu filho não pode ser cego, não, não, não. Mas e se for verdade?”

De manhã, a rainha Lucineide estava decidida, iria levar o príncipe George ao curandeiro, porque queria saber se realmente ele era cego.

Sendo assim, a rainha pede à sua dama de companhia que avise ao cocheiro para arrumar sua carruagem que ela irá sair. A mulher atende ao seu pedido imediatamente.

O cocheiro pergunta:

— Aonde vamos, majestade?

— Ao curandeiro. Diz a rainha.

—Aconteceu algo com o Príncipe George, majestade? Replicou o cocheiro percebendo que George estava no colo da rainha.

— Não lhe interessa e ande rápido! Respondeu-lhe a rainha rispidamente.



O cocheiro obedeceu prontamente e sem dizer

mais nada, pois percebeu que era um assunto pessoal.

Em um instante, a carruagem chegou ao Curandeiro. A rainha desceu sem dizer uma palavra e entrou rapidamente.

O curandeiro, um pouco surpreso com a situação, pois não lhe era muito frequente ver o rei ou a rainha, disse a ela:

— Posso lhe ajudar?



— Creio que sim. Meu filho, queria saber se ele é cego.

O homem pega George no colo, olha em seus olhos e com suas mãos abre as pálpebras. Avalia-o atentamente por uns minutos. A rainha angustiada, pois o tempo parecia que parara para ela e perguntou de novo:

— Ele é cego?

O curandeiro olha o rosto da rainha silenciosamente. Fica um ar de suspense por um tempo e diz.

— Sim, ele é. Demorei para perceber. Isso se deve porque George tem manchas brancas bem claras, quase imperceptíveis a olho nu, que atrapalham sua visão.

Júlio Rafael Assunção de Faria



3. CUIDADOS ESPECIAIS



Ao receber essa terrível notícia, a rainha Lucineide se senta lentamente em uma cadeira suja e empoeirada no canto da sala e com o olhar para o horizonte, ali a rainha fica um bom tempo em silêncio. A rainha era conhecida por ser uma mulher forte e sem medo de nada, mas, com aquela notícia, que caiu sobre suas costas, ela se tornou, por um momento, frágil e extremamente vulnerável.

O curandeiro com o príncipe no colo não indagou absolutamente nada, respeitando aquele momento de dor e angústia que a rainha passava. Passado o susto, a rainha se levanta e pega o príncipe no colo do curandeiro e diz:

— Não espalhe para ninguém essa notícia sobre essa condição do meu filho. Se alguém souber custará a sua cabeça.

O curandeiro assustado com a forma que a rainha falara com ele, só balançou sua cabeça e disse:

— Seu segredo estará seguro, Vossa Majestade.

Ao sair da casa do curandeiro, o cocheiro abre a porta da carruagem e a rainha entra com um ar de assustada. Ele sabia que algo de errado estava acontecendo com o príncipe.

— Majestade, está tudo bem com o príncipe? Perguntou o cocheiro com um ar de curiosidade.

— Sim ele está ótimo! Apenas um pequeno resfriado.

Naquele momento a rainha pediu ao cocheiro para ir um pouco mais rápido, pois estava um pouco indisposta. Chegando ao castelo, a cuidadora do príncipe já o esperava no portão. Ao pegar a criança no colo a cuidadora indaga a rainha:

— Majestade, como está o príncipe George? Ele precisa de algum cuidado especial?

— Não! Dê somente um banho nele, alimente-o e coloque-o para dormir. Hoje nosso dia foi muito cansativo.

Ao entrar no castelo, a rainha se dirigiu rapidamente ao rei Arthur e, por sorte, o rei se encontrava sozinho na biblioteca do castelo. Ao vê-lo a rainha corre para seus braços e não contém as lágrimas. Sem saber o que estava acontecendo, o rei, com uma cara de assustado, pergunta-lhe:



— O que houve, minha rainha?

Naquele momento, a única coisa que a rainha conseguia fazer era chorar, chorar... Vendo a situação

em que a rainha se encontrava, o rei manda chamar um dos serviçais do castelo e pede para trazer um copo de água com açúcar para acalmá-la. Quando o serviçal entrega o copo com água para a rainha, notou que ela estava tremendo e logo pressentiu que algo grave estava acontecendo. O rei imediatamente pede para ele sair da biblioteca, pois queria estar a sós com sua rainha. Quando ela se acalmou, o rei segura em suas mãos e olha em seus olhos e pergunta:

— Meu amor, o que está acontecendo? Nunca te vi tão aflita! Quem está precisando se acalmar agora sou eu! Me diga, me diga...

A rainha mais calma olha para o rei e diz:

— Nosso filho, o príncipe George, é cego!

Sem hesitar, o rei Arthur dá um grito!!!

— Nãoooooooooooooooooooooo!!!

Nesse exato momento, os moradores do castelo tiveram a confirmação de que algo misterioso estava acontecendo.

Pedro Caldas Peixoto



4. OS RUMORES



Após o grito do rei no castelo, começaram os rumores e as fofocas nos corredores.



O rei muito chocado com a notícia e não querendo acreditar nela, pergunta à rainha:

— Como não percebemos essa situação com nosso filho mais cedo?

A rainha, com ar de culpa, responde ao rei:

— Eu mesma como mãe, presente que sou, não notei absolutamente nada de errado com ele. Quem me alertou foi a condessa Cristine e eu a repreendi naquele momento, não querendo acreditar.

O rei pergunta a rainha:

— O curandeiro falou como podemos curá-lo?

Aí a rainha responde:

— Infelizmente não! Nosso filho não tem cura, ele nasceu cego.

O rei e a rainha não sabiam o que fazer. Como o futuro rei poderia reinar sendo cego?

Não tendo o que fazer, entraram em consenso de que não iriam dar essa notícia ao reino, pois poderia colocar em jogo a coroação do futuro rei.

A única pessoa que eles decidiram contar, foi para Amélia, a cuidadora do príncipe, pois ela que passava a maior parte do tempo com ele.

Logo em seguida o rei pede para um dos guardas

do castelo chamar a cuidadora Amélia. O guarda com ar de curiosidade e desconfiança, obedece às ordens do rei.



Amélia já desconfiada de que algo de errado estava acontecendo, entra na biblioteca e indaga ao rei:

— Pois não, Vossa Majestade, o senhor mandou me chamar?

O rei responde:

— Sim! O que eu tenho a te dizer é algo sério e eu exijo a sua discrição, qualquer palavra fora da biblioteca pode custar sua vida.

Ela responde:

— Sim, Vossa Majestade, seu pedido é uma ordem.

Então o rei Arthur conta toda a história para ela e diz que precisa de sua ajuda para os cuidados com o príncipe.

Amélia, muito triste com a notícia, perguntou ao rei:

— Majestade, como devo prosseguir com o príncipe a partir deste momento? Essa notícia me pegou de surpresa.

O rei responde:

— Eu quero que você aja com naturalidade, pois essa notícia não será divulgada por agora. Teremos que fazer algumas adaptações no castelo para que o príncipe possa transitar com segurança.

Dito tudo, a cuidadora Amélia se viu com uma grande responsabilidade, pois teria que fazer uma

readaptação com o príncipe e teria que lidar com esse segredo que custava a sua vida. E agora como ela lidaria com os rumores dos moradores do castelo?

Lauriely Alves da Silva



5. O INVENTOR



George crescia rapidamente e, com isso, o segredo de sua deficiência ficava mais difícil ainda de ser escondida. Então o rei decide se manifestar diante de todos:

— Povo do reino de Urutaí, venho informar a todos que o meu filho George é cego.

A notícia gerou alguns cochichos e espanto naqueles que a ouviam.

— É impossível alguém cego assumir um reino e o seu povo.

Não era nada comum alguém da realeza nascer com uma deficiência. Com o pronunciamento do rei, a comunidade se dividiu em duas partes. Uma aceitou a criança daquela forma, já a outra a rejeitou. Isso fez com que muitos moradores do reino de Urutaí fossem embora, alegando que o reino estaria à

beira da miséria por aceitar alguém, que não podia enxergar, sendo o seu rei.

Com o passar do tempo, o pequeno príncipe notou que era diferente de sua irmã e de todas as outras crianças que viviam ao seu redor. Antonieta vivia brincando no jardim e ele sempre a ouvia dizer que as borboletas eram lindas, sendo que, para ele, elas não tinham cores e nem formas, na verdade, nada para ele tinha cor.



Em um certo dia, resolveu perguntar a sua mãe:

— Mamãe, por que eu estou sempre de olhos fechados?

Sua mãe querendo desviar do assunto, respondeu:

— Filho, você é especial, diferente da sua irmã e das outras crianças, você só está demorando um pouco mais para poder abri-los.

Então ele responde:

— Você está mentindo, mamãe, ouvi a senhorita Amélia dizer para a cozinheira que eu sou cego e, por esse motivo, não consigo brincar com a minha irmã nem com as outras crianças do reino.

Por cinco segundos, sua mãe prende a respiração, logo saiu correndo do quarto para contar ao seu marido, o rei, e disse-lhe:

— George sabe de toda a verdade!

Longos cinco anos se passaram depois do ocorrido, em que o príncipe descobrira que era cego, porém isso não mudou o fato de que o pequeno George era especial, não por ter uma deficiência, mas sim por ser extremamente sábio, ágil e esperto. O

pequeno príncipe era o melhor em tudo que fazia, assim, a notícia se espalhou por todos os reinos vizinhos. De reino em reino só se podia ouvir:

— Ele será o melhor rei de Urutaí.

Já Antonieta não se preocupava com nada e vivia fazendo suas aventuras; pulava, corria e gritava pelos quatros cantos do reino. Tudo para ela era diversão, a qualquer hora e lugar, não obedecia a ninguém, nem mesmo a seus próprios pais.



O seu mundo era de magia e encanto. A pequena princesa adorava escalar, principalmente as árvores frutíferas, amava poder comer frutas deitada no tronco das árvores olhando o pôr do sol. Até que, em um dia chuvoso, ela foi descer de uma mangueira, desequilibrou-se e lá de cima veio a cair ao chão, desesperada começou a gritar de dor, gritando por sua mãe:

— Mãeeeeeee, não consigo me mexer, não sinto as minhas pernas, mãe!!!

Sua mãe ligeiramente veio até ela com os guardas, que a pegaram e levaram-na para dentro do castelo. Rapidamente o rei pediu aos guardas:

Busquem o curandeiro o mais rápido possível, isso é uma ordem!

Em um piscar de olhos, o curandeiro chegou, e já foi logo perguntando à princesa qual o lugar que doía mais e se ela estava conseguindo mexer todo o seu corpo. Logo ela lhe responde:

— Não consigo mexer as minhas pernas.

Pouco mais tarde, depois de ter dado alguns

remédios para diminuir a dor e para ela dormir, o curandeiro chama o rei e a rainha para conversar em um local mais reservado, e lhes diz:

— Sua filha fraturou a coluna, sinto muito em lhes informar, não há nada que eu possa fazer por ela.



Os pais de Antonieta ficaram arrasados com a notícia, sem saberem o que fazer. A notícia se espalhou por todos os reinos, na esperança de que o curandeiro pudesse estar errado sobre o diagnóstico

dados à pequena princesa.

Depois de meses à procura de um novo curandeiro, um inventor apareceu no reino de Urutaí, disse que poderia ajudar Antonieta a voltar a andar, não da mesma forma de antes, mas que a ajudaria a se mover, explicando-lhes:

— Construirei uma cadeira com rodas para que a pequena princesa se locomova pelo reino outra vez.

O rei e a rainha, sem pensar duas vezes, que isso pudesse ou não funcionar, ordenaram aos seus servos:

— Peguem todo o material necessário para o inventor...

Eliseu Fernandes Correa



6. A FAMÍLIA DO “B”



Passados alguns dias, a cadeira de rodas estava pronta, mas Antonieta, independente como sempre foi, não ficara muito feliz ao saber que não poderia mais correr, pular e se aventurar pelos quatro cantos

do reino como era de costume da jovem e travessa princesa.

— Bom dia, querida! – Saudou-lhe a doce rainha em tom quase que de sussurro. – Você precisa sair dessa cama, comer! Veja como está radiante o dia!

Abrindo as cortinas para a luz do sol adentrar ao quarto da princesa, a rainha empurra a cadeira até a beira de sua cama e sentada ao lado de sua filha, faz um último esforço:

— Minha filha, você não pode se esconder de tudo e todos para sempre. Vamos, Amélia já preparou o seu banho!

A jovem apenas puxou o grande e pesado edredom, cobrindo-se mais uma vez da cabeça aos pés. Com um olhar caído e quase que inundado de lágrimas, a pobre mãe se retira do quarto, mais uma vez com o sentimento de falha por não conseguir ver, nem por um único instante, o brilho que um dia habitara o rosto daquela majestosa princesa.

Era lusco-fusco, Antonieta, na sua cama, escuta um tumulto vindo lá debaixo. Bem embaixo da janela

de seu quarto, havia uma pequena praça, onde ela costumava brincar. Naquele dia, a empolgação de algumas crianças lhe havia chamado a atenção.



Mas, para chegar à janela e observar tudo de sua imensa sacada, era preciso usar a cadeira de rodas antes nunca usada. Mais uma vez, cobre a cabeça e se deita, tapando seus ouvidos com travesseiros fofinhos. No outro dia, naquele mesmo horário, as vozes continuam a penetrar seus ouvidos e soam

como afronta para ela.

Com o passar dos dias, a princesa começou a ficar cada vez mais irritada com a felicidade daquelas crianças e, principalmente, com a demonstração de alegria delas que durava, aproximadamente, vinte, talvez trinta minutos todos os dias. Estava decidida a expulsar aqueles que incomodavam o seu silêncio e sossego. Então, Antonieta, terrivelmente irritada com a gritaria das crianças que estavam por ali, sem pestanejar, puxa a cadeira de rodas (a qual repugnava e odiava) e segue em direção à sacada de seu quarto. Chegando perto da janela, escuta algumas crianças falando sobre uma coisa chamada “escola”.

— Hoje foi muito divertido na escola. Disse uma garotinha de laços cor de rosa no cabelo. – Amanhã iremos continuar a família do “B” ...

A princesa, confusa e compreensivelmente irritada (pelo seu atual estado), dá um grito estridente:

— Parem com essa gritaria, saiam daqui! Disse-lhes ela com os olhos fechados e as mãos agarrando bem forte o braço da cadeira de rodas, ofegante e

quase que sem fôlego, como se ali tivesse experimentado o cruel e medonho gosto de uma crise de ansiedade!

Todos que por ali passavam, assustaram-se com aquela cena. E o que mais chamou a atenção de todos foi o objeto no qual a princesa estava sentada. Espantados pelo estado da princesa, vários habitantes do pacato reino tiveram sua curiosidade aguçada.

— O que houve com a princesa? Perguntou um senhor. — E o que é aquele objeto que a transporta agora?

Ao ouvir o grande alvoroço, a rainha vai ao quarto mais que depressa, segurando seu longo vestido azul celeste, com bordados em verde esmeralda, com pedrarias que faziam o seu contorno e dava o movimento para a bela e voluptuosa veste.

— O que está havendo aqui, querida?! Indagou-lhe ela retirando apressadamente sua filha da sacada para que o povo não visse mais a cena indesejada pela rainha.

— O que você está fazendo nessa janela?
Perguntou com um tom raivoso e de desespero,
preocupada com o que todos acabaram de
presenciar.

— O que houve, mamãe? Por que todos estão
felizes enquanto eu estou aqui neste quarto, sem
poder sequer me mexer?



A rainha, sem reação, fica em silêncio por longos
dez segundos.

— Acalme-se, minha filha, tome seu chá! Consolalhe a rainha, numa tentativa falha de ofuscar a agitação do momento.

— Não, mamãe, estou cansada! Por que isso aconteceu comigo? Indagou com a voz engasgada de um choro de profunda dor e decepção.

Naquele imenso quarto cheio de dúvidas e feridas, Antonieta se lembra daquilo que a garotinha de laços no cabelo havia chamado de escola e pergunta:

— O que é escola? E por que as crianças de todo o reino estavam lá? Por que a senhora nunca nos levou até lá?

A menina questionava, pois queria saber o que havia de tão misterioso e encantador naquele lugar e que havia deixado aquela multidão de crianças tão felizes. A mãe, sem resposta, deixa o quarto com os olhos arregalados, assustada e sem reação pela espinhosa situação em que se encontrava.

Ainda amedrontada pelo que havia se passado no quarto, Lucineide corre até Arthur com a esperança de que ele pudesse resolver a situação. Porém, o rei,

ocupado com as funções do reino, não deu muito ouvidos ao que sua esposa lhe dissera.

— Ora, resolva esse assunto! Você é a rainha, não deixe que uma princesa mimada lhe tire dos eixos! Disse o rei, com tom de ironia e, claro, desinteresse.

— Diga que você não a mandou porque não quis! Já está tarde, vá descansar e resolva isso amanhã.

Termina a conversa com um beijo seco na testa. A rainha em seus aposentos, não consegue pregar os olhos pensando no cenário horroroso que havia passado naquele dia tortuoso.

No dia seguinte dia, logo de manhã, a rainha Lucineide decide ir ao quarto de sua filha para tentar resolver aquela grande incógnita que havia se instalado na relação das duas. Batendo à porta e entrando suavemente no quarto, ela percebe que a princesa também não havia dormido bem e descansado naquela noite.

— Minha filh...

Antes mesmo que pudesse terminar a frase, a princesa, pensativa e aparentemente mais calma que

antes, indaga-lhe novamente:

— O que é escola? E por que todos estavam felizes saindo de lá? O que é “a família do B”?

A rainha tenta encontrar motivos para justificar a falha de não ter mandado nenhum de seus filhos à escola:

— Antonieta, eu não te mandaria jamais para escola, aquele lugar é terrível! Com crianças malcriadas, cruéis e ainda mais nas suas condições... Pense só o que aqueles garotos fariam com você, não posso correr o risco de que alguém machuque ou insulte meus amados filhos. Vocês são tudo o que tenho. Entenda, não posso colocar vocês em risco!

Antonieta, esperta e audaz como sempre foi, rebate a mãe:

— Se esse lugar é tão ruim assim, por que todas aquelas crianças estavam felizes? Por que estavam tão ansiosas para retornarem no dia seguinte?

Naquele momento, Lucineide se enfurece (quase como se já tivesse passado por aquela situação):

— Lá não é lugar para vocês! Vocês são diferentes

e especiais para estarem num lugar cheio de pessoas maldosas e assunto encerrado! Responde-lhe com voz revoltada e um pouco feroz. Antonieta sagaz e muito sensível ao sentimento da mãe pergunta:

— Mamãe, você já foi à escola?

A rainha, pega de surpresa, responde-lhe sem pensar:

— Já! E lá é horrível! Colocando a mão na boca pela impulsiva resposta.



Assustada com o que havia acabado de ouvir, Antonieta pensativa começa a entender a situação que estava acontecendo e a dor colocada na frase da mãe, então respira fundo e percebe que a escola era algo que a doce rainha temia. Um medo que havia sido construído por alguma experiência ruim ou até mesmo por algum outro motivo mais sério.

Sensível e doce como era quando não estava com raiva, sentada na sua cadeira de rodas, aproxima-se da mãe, segura sua mão e tenta desvendar aquele mistério do trauma da escola.

Higor Henrique Brito Pacheco



7. A VISITA



George, vagando pelos corredores do castelo, escuta com os seus ouvidos atentos e aguçados, a conversa entre a rainha e sua irmã Antonieta, encostado atrás das paredes com receio de ser

notado por alguém. Assim que a rainha se retirou do local onde estava Antonieta, George se aproxima e indaga sua irmã:

— O que vocês estavam conversando?

Sua irmã, já irritada e intrigada com toda a situação, responde-lhe com uma dose de raiva:

— Não se meta em assuntos que não lhe convêm!

George, sábio como de costume, desarma a princesa em segundos:

— Princesa, eu sei como você está se sentindo, sinto isso a minha vida toda. Mas antes de você ser princesa somos irmãos e não preciso ter bons olhos como os seus para notar que algo te aflige! Então me responda: o que seria essa tal escola? Eu escutei vossa conversa.

A princesa sensível e abalada com voz de choro responde-lhe:

— Escutei as outras crianças falando sobre um lugar chamado escola e estavam ansiosas para conhecerem a "família do B", porém nossa mãe insiste em dizer que esse lugar não é para nós, por

sermos especiais e que lá é um lugar cruel!

George em silêncio e um tanto pensativo, abandona o quarto da irmã e dirige-se em direção aos seus aposentos, apoiando-se nas paredes do castelo.

Após alguns dias, chegou ao rei Arthur a notícia de uma visita estava a caminho: tratava-se do pai da rainha Lucineide, o Lorde Daniel. Uma lenda dos tempos antigos, quando períodos de guerra eram comuns e matanças sem punições eram costumeiras. Sua fama entre os reinos era que, sozinho, Lorde Daniel já havia derrotado cem soldados usando apenas duas espadas. Era temido até mesmo em reinos distantes.

O rei Arthur e a rainha Lucineide imediatamente ordenam preparar um banquete para recepcionarem o Lorde Daniel, que não o viam desde que saiu em peregrinação!

— Preparem o maior banquete já visto neste reino, Lorde Daniel virá nos visitar!

Poucas horas após a ordem, começa uma movimentação pelo reino de Urutaí, os moradores

incrédulos no que viam: Lorde Daniel estava vivo e ainda trazia sua espada na cintura, vestindo uma couraça de ferro e com o rosto marcado pelas cicatrizes das guerras.

rainha Lucineide da sacada do castelo olhando para o horizonte, vê Lorde Daniel descendo da charrete e corre em direção ao rei:

— Realmente é meu pai que chega, ele voltou para nos ver e conhecer nossos filhos, vamos recebê-lo.

Após um abraço emocionante entre a rainha Lucineide e seu pai, eles se direcionam ao banquete preparado com tanto empenho pelos seus serviçais...

— Estou feliz em ver o reino de Urutá prosperar, e onde estão os herdeiros disso tudo? Perguntou-lhes Lorde Daniel.

Rei Arthur, pego de surpresa pela pergunta e um tanto desconfortável pela deficiência de seus filhos, simplesmente abaixa a cabeça... deixando um clima tenso na mesa. A rainha Lucineide, com o olhar de decepção, tenta desviar o assunto.

— Lorde eles estão em seus aposentos, logo lhes

apresentarei. Respondeu-lhe a rainha Lucineide

Após o jantar e com uma dose de coragem, a rainha Lucineide leva Lorde Daniel até o local onde estão o príncipe George e princesa Antonieta...



— Lorde, existe algo que precisa ser revelado ao senhor. Meus filhos não são crianças comuns, preciso que não se espante ao vê-los...

Lorde Daniel, sábio, simplesmente se mantém em silêncio e com as mãos para trás enquanto a rainha

Lucineide abre a porta do quarto onde seus dois filhos estão.

rainha Lucineide — Príncipe e princesa, ordeno que venham para cá, pois apresentarei uma pessoa importante. Este é o Lorde Daniel, meu pai e avô de vocês.

Espantados e com uma dose de medo, lembrando-se das histórias sangrentas dele que a cuidadora lhes contava antes das noites de sono, responderam curvando suas cabeças.

— Uma honra conhecê-lo, Vossa Majestade!

Lorde Daniel se mantém calado por longos segundos e contrariando toda sua fama de guerreiro, tira sua espada da cintura e sua couraça e se senta ao lado de seus netos em uma cama acolchoada e lança-lhes um forte abraço.

— Olá, crianças, não me chamem de Majestade, eu sou o Daniel, ou se preferirem, podem me chamar de avô. Vim, especialmente, para conhecê-los.

Rainha Lucineide, um tanto espantada pela atitude de Lorde Daniel, mantém-se em pé e calada.

— Então são reais todas as histórias que ouvimos do senhor? Inicia o diálogo o príncipe George.

Lorde Daniel confirma a pergunta com um sorriso e depois uma gargalhada.

— Sim, mas aposto que não lhes contaram que eu faço uma ótima sopa de legumes... hahaha!

Todos dão risadas que há tempos não se haviam dado naquele castelo e Lorde Daniel, gostando de estar ali, diz à sua filha:

— Rainha, já é tarde, vá descansar, eu cuido destes dois.

Rainha Lucineide um tanto preocupada, porém, com a certeza de que seus filhos estariam em boas mãos, sai do recinto, deixando-os a sós.

Bastaram aqueles poucos instantes na companhia do avô para George confiar nele e logo já lhe indaga:

— Vô, o senhor já foi à escola? Sabe o que é isso? Sabe sobre a “família do B”?

— No meu tempo não podíamos, pois estávamos ocupados trabalhando ou batalhando, eram outros tempos, mas tudo mudou.

Princesa Antonieta indaga:

— Mas sabe o que é esse lugar?

— Claro que sei! Escola é um lugar brilhante, cheio de crianças brincando, pulando, divertindo-se e aprendendo a ler, escrever e se comunicar umas com as outras. Aprende sobre os lugares, números e várias outras coisas.

Espantados e entusiasmados os netos ecoam um som como de espanto:

— UAAAAAAAAAL!

— Nesse lugar era onde sua mãe passava a maior parte do tempo em sua infância. Complementa Lorde Daniel.

— Mas ela disse para mim que esse lugar é horrível. Comentou Antonieta.

— Bom, sua mãe teve alguns problemas com as outras crianças, mas isso não quer dizer que é o pior lugar do reino.

— Então eu mesmo sem enxergar, conseguiria ir até a escola e conviver como as outras crianças?

— Vocês são crianças diferentes e isso é muito

bom, e com dedicação, vocês podem viver da forma que quiserem. Podem e devem sonhar e realizar os seus sonhos, mesmo sem enxergar e sem andar como as outras crianças... o importante é nunca desistirem assim como eu. Agora vão dormir porque preciso resolver assuntos do reino.



Lorde Daniel se levanta, pega seus pertences e se retira deixando os netos com uma vontade extravagante de se aventurarem nesse lugar

chamado escola.

Kainã Caixeta



8. A MALDIÇÃO



Lorde Daniel, quando se dirigia aos seus aposentos, escuta a rainha Lucineide chorando em um quarto do castelo. Surpreso ele pergunta a sua filha o que acontecera e ela, aos prantos, responde:

— Meus filhos! Com toda essa situação não podemos deixá-los ir para a escola.

Lorde Daniel responde à rainha:

— Rainha tenho que lhe confessar algo.

— O quê?

— É algo terrível!

— Ande, fale logo, estou preocupada! Exclamou a rainha já em tom apreensivo.

Então, Lorde Daniel confessa à rainha.

— Há 45 anos, quando você ainda era uma bebezinha, encontrei um feiticeiro que me prometeu uma poção para ser invencível. E como não podia te

deixar sozinha no mundo, eu aceitei a poção.



— Mas, papai, o que isso tem a ver com a situação dos meus filhinhos?

— Minha filha, esse feiticeiro disse que seria lançada uma maldição em minha segunda geração. Sendo assim, acredito que as deficiências deles são por conta dessa poção.

A rainha enfurecida grita com seu pai.

— Como você pôde aceitar uma barbaridade

dessa?

— Minha filha, fiz isso pensando em você.

A rainha, aos prantos, diz:

— Seu monstro!

E sai correndo em busca de seu marido.

— Arthur, Arthur! Exclama a rainha.

— O que houve, Lucineide?

Então a rainha conta todo o ocorrido ao seu marido.

Enfurecido, o rei grita aos seus guardas.

— Guardas, tragam-me o Lorde Daniel imediatamente!

Os guardas, percebendo a ira de seu rei, buscam Lorde Daniel imediatamente sem questionar.

Ao voltarem com o Lorde Daniel, os guardas se retiraram, deixando-os a sós.

— Como você pôde? Pergunta-lhe o rei irritado.

Larissa Giovanna Pereira de Lima



9. O FALSO FEITICEIRO



— Como pude? Estava pensando em minha filha! Respondeu-lhe Lorde Daniel.

— Que mentira! Você só pensa em si mesmo, você é um egoísta! Exclamou o rei.

— Egoísta é você que não compreende meus atos, minhas escolhas, que foram para o melhor de todos desse reino.

— Meus filhos com deficiência por meio de uma maldição? Isso para você é o melhor para o reino? Como pôde fazer isso? É impossível entender! Disse-lhe o rei com olhos cheios de lágrimas.

— Pai, saia deste reino e não volte nunca mais. Se algum dia vier a pisar aqui novamente, sofrerá consequências severas. Ameaçou-lhe a rainha com firmeza.

Os guardas pegaram Lorde Daniel pelo braço e o

acompanharam até a floresta. E quando o deixaram lá, ele lhes disse:

— Isso não é o fim, eu retornarei.

Os guardas olharam entre si com cara de desprezo, ignoraram o que disse Lorde Daniel.

Após quase dois anos do ocorrido, a família real tentava esquecer a terrível descoberta. Mas, mesmo com a dor indo embora, poucos meses antes de completar dois anos que Lorde Daniel havia sido expulso do reino, o rei adoeceu e acabou falecendo por causas naturais, no dia 15 de janeiro de 1820, uma semana antes da coroação de George.

Um guarda foi ao encontro da rainha e lhe disse:

— Rainha, uma pessoa gostaria de prestar as condolências à senhora, mas essa pessoa é o seu pai, devo deixá-lo entrar?

A rainha, em um momento de fraqueza, respondeu:

— Sim, deixe o Lorde entrar.

Lorde Daniel entrou na casa real e foi direto abraçar sua filha e lhe disse:

— Oh, minha filha, meus pêsames pelo Arthur, ele era um grande rei, pai e marido, saiba que estou aqui para te consolar.

— Consolar-me? O senhor amaldiçoou meus filhos, seus netos, por conta de egoísmo. Eu o deixei entrar, porque agora é um momento difícil para todo o reino e eu não tenho tempo para mais dores.



— Sei que agora não é o melhor momento, mas depois desse tempo que fui expulso, descobri que o

fato de meus netos portarem essas características, não passou de uma infeliz coincidência, não foi maldição, te garanto isso. Disse-lhe Lorde Daniel com um pequeno sorriso.

— Não acredito em você, seu monstro. Disse-lhe a rainha enfurecida.

— Refleti e descobri que o poder que me fora dado era mentira, pois eu perdi muitas batalhas. Então, fui atrás do feiticeiro, que zombando de mim, falou-me

— “Esperava mais de um homem culto como você, aquilo é um ganha pão, para ganhá-lo, eu enganava o povo com as minhas profecias e poções”.

— Prove-me! O senhor já contou tantas mentiras, como sei se isso tudo é verdade?

Lorde Daniel chamou os guardas, e uma jaula, com um homem dentro, foi posta à frente da rainha.

— Como assim? Quem é este? Perguntou-lhe a rainha com uma feição de espanto.

— Este é o charlatão que enganou a mim e a muitos.

— Por favor, Vossa Majestade, eu lhe imploro

piedade, deixe-me viver! Rainha, solte-me! Suplicou-lhe o falso feiticeiro.

A rainha, com tom autoritário, mandou que os guardas jogassem o falso feiticeiro no calabouço.



Passaram cinco meses, George foi coroado rei do reino de Urutaí e Lorde Daniel e a rainha fizeram as pazes. Em tão pouco tempo, muita coisa havia mudado: o Lorde convenceu a rainha a deixar seus filhos frequentarem a escola. Antonieta finalmente

descobriu o que era a “Família do B”, tudo parecia estar bem e em harmonia, até que...

Victor Hugo Lopes de Castro

10. PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO



Começaram a surgir os primeiros problemas na escola, logo depois daquela euforia inicial. George e Antonieta logo perceberam a realidade daquele lugar. O reino de Urutaí tinha apenas um professor, que

lutava para dar conta das demandas. A educação nunca foi prioridade para o antigo rei Arthur, e agora suas escolhas estavam se refletindo em seus filhos e nos jovens de todo reino de Urutaí.

Diferente do castelo onde viviam, a escola não tinha as adaptações necessárias para aqueles dois membros da realeza de Urutaí. Além disso, o fato deles serem da família real e George ser o rei sempre atraíam muitos olhares curiosos e críticos.

E embora a escola fosse um lugar que atiçou a mente e as expectativas daqueles dois por muito tempo, a realidade era outra, e isso os frustrou bastante. Principalmente George, que sendo rei, mesmo precocemente, sabia de suas responsabilidades com as pessoas, com aquele reino e da necessidade de consertar aquela situação.

Rei George, em busca de um conselho, encontra seu avô Lorde Daniel se preparando para uma grande jornada pelos reinos vizinhos e explica toda a situação para ele.

E o Lorde diz:

— George, você se tornou rei muito cedo e agora tem os seus afazeres e deveres com o reino. Você passou grande parte de sua vida no castelo e deixou de viver e aprender muitas coisas que seriam necessárias para você nesse momento. Venha comigo nessa minha jornada para poder aprender e poder fazer o que achar certo no reino de Urutai.

Rei George sabia que precisava amadurecer como pessoa e como rei para que pudesse fazer as devidas mudanças no reino, então não hesitou em aceitar o convite, e lá foram os dois... enquanto isso o reino ficou aos cuidados da rainha e da princesa Antonieta.

Vinícius dos reis Paiva



11. A LONGA JORNADA



Então, assim saindo por outros reinos distantes, conhecendo pessoas e culturas diferentes, paladares diferenciados, George, por meio dos seus sentidos, ficava entusiasmado a cada parada que eles faziam.



Em um certo dia, em uma estadia em um reino distante, George veio a questionar.

— Meu avô, neste reino há escola?

Lorde Daniel respondeu:

— Sim, George.

— Posso ir conhecer? Perguntou George.

Lorde Daniel respondeu:

— Claro, meu neto.

A caminho da escola, o rei George de cabeça baixa, permaneceu calado. Vendo a cena, o seu avô o questionou:

— O que foi, George? Não está feliz por estar indo conhecer a escola?

George respondeu:

— Estou sim!

— E o que te está incomodando meu neto? Por que está triste? Questionou Lorde Daniel.

George respondeu:

— Sabe o que é, vô? Estamos viajando por vários reinos há meses, nenhum me chamou atenção até agora, não aprendi nada de novo que eu possa estar

levando para o meu reino, sinto-me frustrado.

— Acalme-se, meu neto, não precisa se frustrar, temos muito o que conhecer ainda e com sua garra e força de vontade, tenho certeza de que levará grandes frutos da nossa jornada ao povo do seu reino.

Chegando à escola, foram muito bem recebidos, George se sentiu muito acolhido. A diretora, pensando que George estivesse ali para estudar, apresentou-lhe a escola e lhe mostrou todas as vantagens que ele usufruaria se estudasse ali, pois a escola era adaptada não só para receber pessoas com deficiência visual, mas também outras deficiências.

Logo, George pensou na princesa, sua irmã Antonieta, o tanto ela ficaria feliz se na escola do reino de Urutai tivesse uma escola adaptada a eles e a outras crianças que lá estudavam com as mesmas deficiências que eles.

No caminho de volta, George já estava muito mais animado e cheio de ideias, nem parecia aquele garoto frustrado. E pensando em como levaria isso com ele

parou e falou:

— Meu avô, deixe-me estudar lá, tenho várias ideias, mas poucos conhecimentos para colocar essas ideias em prática.

Ficando pensativo, o Lorde respondeu-lhe:

— Claro, George, se essa é sua vontade, vamos passar uma temporada aqui para você estudar.

Foi a melhor decisão do rei George, a de ficar naquele reino, pois o rei, desde sempre, foi muito esperto e inteligente, e com um pouco de esforço, logo conseguiria acompanhar a turma e até ultrapassá-los.

Todos os professores ficaram impressionados com a inteligência, com a facilidade e rapidez que o jovem rei aprendia. Logo descobriram que ele era um aprendiz prodígio e, dentro de três anos, George se formou.

Depois de sua formatura, o seu avô o questionou:

— E agora, George? Vamos voltar?

Respondeu George:

— Meu avô, adquiri muito conhecimento e até me

formei, nunca tinha imaginado isso na minha vida, quero sim levar isso ao meu povo, mas ainda não me sinto preparado para voltar.

Pensativo Lorde Daniel respondeu:

— Tudo bem, George, pode ficar, você é jovem e forte, aprendeu muito durante esse tempo e tem muito que viver ainda. Já eu estou velho e fraco, por isso retornarei para o reino de Urutaí.

Concordando com o que seu avô falou deu-lhe um abraço de despedida e disse:

— Adeus meu avô! Desejo que em breve, possamos estar juntos novamente. Leve para mamãe e para minha querida irmã um abraço meu e fale para elas que além da escola, também conheci a universidade em que quero entrar, pois pretendo me formar professor e só depois disso retornarei ao meu reino.

Amanda Rodrigues de Almeida



12. O ÚLTIMO PEDIDO



Chegando ao reino de Urutaí, Lorde Daniel recepcionado por Lucineide, descobre que sua neta, a princesa Antonieta, está enferma, acamada e não encontraram cura para ela.



A princesa pede para seu avô Lorde Daniel realizar dois pedidos caso ela viesse a falecer:

— Um deles é a entrega de uma carta, bem embalada dentro de uma caixa trancada. Nessa carta, há um pedido a ser feito à minha mãe que muito quero ser atendida, pois sei que fará com que ela se sinta melhor. O segundo pedido é que seu avô entregue um colar ao seu irmão.

Antes de partir, princesa Antonieta faz mais um último pedido ao Lorde:

— Conte-me uma história, vovô!

Imediatamente, Lorde Daniel inicia a história...

— Havia uma princesa muito bonita, no reino de Catalão chamada Nati Natini Natie Lohana Savic de Albulquerque Pampic de la Tustuane, mais conhecida como Danusa Deise Medly Leona Meiry Cibele de Bolda de Gasparri, a mulher jamais falada, a menina jamais igualada, conhecidíssima como a noite de Paris, poderosíssima como a espada de um samurai. Ela não é a Graziele do corpo dourado, e sim Leona da cor do pecado. E era uma princesa muito bonita,

porém rebelde, acordava todos os dias às 8 horas para ir trabalhar em uma casa de chá e sempre procurou saber mais. Começou a estudar remédios para curar sua família de uma doença, que nenhum médico sabia o que seria, e ela aflita fez um chá com ervas minuciosamente escolhidas, com o qual foi possível a melhora de sua família e os médicos, com raiva, expuseram-na para a sociedade e para o rei como uma bruxa. Foi acusada de bruxaria, julgada e condenada à fogueira. Toda sua família foi caçada e abatida como animais, deixando apenas o filho chamado Tristan, que foi escondido para escapar do povo enfurecido.

E Lorde Daniel, antes mesmo de terminar sua estória fantasiosa, percebeu que sua neta Antonieta adormecera plena com um lindo ar de jovialidade em sua face. Veio a falecer como se ela não tivesse contraído nenhuma enfermidade. E Lucineide, sua mãe e rainha decretou uma semana de luto em sua homenagem.

Lorde Daniel ordenou aos guardas que

mandassem a mensagem do falecimento para George, que já não via sua irmã há um certo tempo.

Emanuel Braga do Nascimento



13. O REGRESSO



Rapidamente a mensagem do falecimento de Antonieta chegou aos ouvidos de George, que não hesitou e, rapidamente, dirigiu-se ao reino de Urutaí para ficar ao lado de sua mãe Lucineide e seu avô Daniel.

Assim que o rei George chegou ao reino de Urutaí, sua mãe e seu avô fizeram feição de espanto com a chegada dele, porque ainda que fosse um momento de tristeza, George havia decidido permanecer noutro reino para focar em seus estudos.

Então, Lorde Daniel o questiona:

— O que faz aqui, meu neto?

George responde:

— Vovô, eu tive a oportunidade de conhecer a escola, onde aprendi muito, mas não poderia deixar minha mãe passar por mais uma perda em nossa

família sem estar ao seu lado...



Emocionado, Lorde Daniel o indaga:

— Mas, meu neto, e seus estudos, seus son...

Antes que o avô pudesse concluir a frase, George o interrompeu, dizendo:

— Algumas vezes, nem tudo sai como planejamos, vovô. Um exemplo disso é a minha deficiência visual com a qual convivo desde que me entendo por gente e a limitação adquirida por minha falecida irmã

Antonieta ao longo de sua vida.

Lorde Daniel, profundamente abalado com o que acabara de escutar, replica:

— E agora?

— Agora, vovô? Agora irei aproveitar todas as práticas que aprendi ao longo desses anos e, finalmente, implementá-las em nosso reino. Práticas essas que necessitam ser tomadas imediatamente, visto que é algo tão essencial e que nunca lhes foram dadas a devida importância antes.

Com brilho nos olhos, com o que acabara de escutar, Lorde Daniel abraçou o rei George imediatamente para demonstrar seu entusiasmo e chamou sua filha Lucineide para juntos, darem a notícia a ela. Assim como realizar os últimos pedidos de Antonieta: a entrega do colar de seu irmão e da carta destinada à rainha Lucineide.

Nicolas Dias de Melo



14. ESTE É O NOSSO REI



A rainha, ainda atordoada com toda a situação, repousava em seu quarto. De repente, escuta dois toques suaves em sua porta...



Toc... Toc...

A rainha se levanta e direciona seu olhar à porta, onde avista George.

— Entre, meu filho! Exclama a rainha sentando-se na cama.

George vagorosamente entra no quarto de sua mãe e senta-se com ela.

— Como você está, mamãe?

— Ainda tentando administrar tantas informações, mas feliz que você está aqui comigo.

— Imagino, mas não se preocupe. Começarei a pôr em prática tudo que aprendi enquanto estive fora e farei tudo em homenagem à minha irmã que comigo sempre estará, porque sei que ela se faz presente neste lindo colar que ela me deixou. Ela também te deixou esta caixa. Há dentro dela uma carta.

A rainha abre a carta deixada por Antonieta e, para sua surpresa, continha um pedido:

— “Mamãe, sempre tive o sonho de conhecer uma escola e nela estudar. Somente por meio do que se aprende numa escola, é que será possível fazer desse

reino um lugar próspero e democrático. Permita-se perdoar a escola, os seus colegas que a magoaram por causa da cor da sua pele! Quero que acredite em que, hoje, as pessoas que estão na escola, estão se tornando pessoas melhores e mais respeitadas uns com as outras”.

Após a semana de luto, decretada pela rainha, George, que passou esse tempo planejando e elaborando as futuras mudanças do reino, convocou uma reunião imediata com todos do reino. Naquele mesmo dia, todos estavam ansiosos pelo pronunciamento do rei, afinal, aquela seria a primeira aparição de um membro da realeza após o trágico acontecimento.

— Boa tarde a todos e a todas! Venho aqui, em nome de minha família dizer que estamos muito tristes com tudo que aconteceu recentemente. Mas o nosso reino precisa andar! Dito isto, após conhecer outros reinos e pensar sobre a atual situação do reino de Urutaí, declaro que minha primeira ação é a mudança no ensino deste reino, precisamos de mais

escolas, mais professores, escolas adaptadas como as que vi além dos muros desse reino. Precisamos que todas, repito, TODAS as crianças desse reino possam ter acesso à educação assim que atingirem idade de entendimento, e que possam ser incluídas em todas as atividades que esse momento especial possa proporcionar. Farei isso em nome de minha irmã Antonieta que me despertou a curiosidade de conhecer uma escola, lutou para que pudéssemos frequentar uma e sonhou com uma escola que atendesse às suas necessidades e as minhas.

Fervorosos, os povos que ali estavam a escutar o rei, proclamam:

— Este é o nosso rei! Aclamou uma mãe acompanhada de seu filho.



— Eu disse que ele seria o melhor! Exclama um senhor sorridente.

Yasmim de Oliveira Moreira



15. SONHOS REALIZADOS



Logo após o seu pronunciamento, o rei ordenou que começassem a construir as escolas, que fossem adequadamente adaptadas às necessidades dos moradores do reino. Seis meses depois do início das

construções, as escolas já estavam aptas a receber os alunos do reino, todos estavam empolgados e felizes com as mudanças que aconteceram ali.

O rei George e sua mãe estavam presentes na inauguração das novas escolas, saudados por todos, eles aparentavam estar felizes e realizados com suas conquistas e realizações dos sonhos de Antonieta.

Duas novas escolas foram construídas, elas chamavam-se Escola Alteza Antonieta de Urutaí e Escola rei Arthur, em homenagem aos falecidos que tanto fizeram pelo reino.

Daquele momento em diante, todas as crianças do reino começaram a frequentar as aulas, tanto das novas escolas, quanto da escola antiga, que foi reformada para que também atendesse às necessidades de todos. Com o aprendizado contínuo que acontecia dentro das escolas, as crianças traziam aos pais novos conhecimentos, que aplicavam em suas vidas diárias no campo e no ambiente de trabalho urbano, o que fez com que o reino de Urutaí se tornasse o mais bem-sucedido dos reinos, mais

feliz e próspero por meio da Educação.



Assim, todos viveram felizes para sempre!

Lucas Marques Guimarães

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Comentário 1

Com olhos cheios de lágrimas ao finalizar a leitura desta obra, lembrei de alguns professores que passaram em minha vida.

Durante o meu processo de aprendizado, sempre teve aquele professor que me deixou livre e apostou em minhas habilidades mais que tudo. Outros apenas me disseram o que era para ser aprendido. Mas, com o passar dos anos, mais uma vez me surpreendo com aquele que se chama Lorde Daniel Valério Martins, que não apenas me ensinou sobre uma disciplina, mas me ensinou que o rei George existe em cada um de nós, que somos alunos da vida em um reino chamado mundo, e que realizamos sonhos de nossa geração passada e preparamos para a geração futura.

Foi uma honra comentar esse livro emocionante dos meus colegas. E enfatizo que: “enquanto alguns fazem provas, meus colegas e eu fazemos livros!” Para que assim vivamos felizes para sempre!

Adriele do Nascimento Melo

Aluna especial do Mestrado em Ensino para a
Educação Básica – PPGNEB IF Goiano.

Comentário 2

Fascinante historia que atrapa desde un inicio y que invita a la reflexión y análisis en materia educativa, social y política. Resulta ser bastante legible, ya que a lo largo de los capítulos produce diversas emociones que mantienen la atención y curiosidad del lector.

Es visible como cada uno de los autores desde su perspectiva, aporta un giro inesperado e interesante en la historia. Las imágenes trasladan a las escenas de los hechos, haciéndolo factible para el público de todas las edades.

Como profesionales de la Educación, los casos de discapacidad de George y Antonieta, nos lleva a plantearnos la importancia de una educación inclusiva, ver a la diversidad como una oportunidad de aprendizaje y no como un obstáculo, hoy en día debemos aprender a apreciar esa diversidad en el aula haciendo frente y atendiendo las diferentes necesidades educativas especiales de los alumnos; “George era especial no porque tenga una

discapacidad sino porque era extremadamente inteligente”, es por ello que siempre debemos apostar a una formación integral: social, emocional, cognitiva y motriz.

Cabe destacar que la historia refleja el papel fundamental de los padres en la educación, como lo menciona Higor “A veces los miedos son el resultado de una mala experiencia”, y muchas veces estos miedos de los padres arrastran a los hijos, de ahí la importancia del docente como mediador.

La educación es un derecho universal, y las decisiones políticas afectan o benefician a la sociedad en materia educativa, de ahí la importancia de elegir a un buen líder.

La obra muestra el poder de la educación llevándonos a reflexionar sobre sus prácticas, motivando a las nuevas generaciones de profesores para que hagan una diferencia enfrentando los retos actuales que una educación inclusiva implica.!

Luz del Alba Rincón Méndez

Doctoranda en Ciencias Sociales - USAL
Licenciatura en Educación – México, BECENE

Comentário 3

“Enquanto alguns fazem provas, vocês fazem livros.” Assim inicia a apresentação deste livro e não é em vão que esse comentário ecoou durante a Semana Pedagógica do IF Goiano do Campus de Urutaí. Afinal, quando escrevemos um livro deixamos registradas as nossas ideias, críticas, sugestões, inquietações por várias gerações.

Ao ler o livro “Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta”, deparei-me com personagens fictícios de uma narrativa tão real aos nossos dias atuais, que seria capaz, até mesmo, de renomeá-los. Contudo, seguimos fiel ao conto compreendendo que os autores-alunos deste, tinham um objetivo claro e louvável de nos fazer refletir, não somente sobre a educação de nosso país nos tempos atuais, mas também sobre nosso papel de cidadão na busca pelas mudanças.

Quantas mulheres e homens ao ler esse conto se identificarão com a rainha Lucineide e o rei Arthur

que não aceitam que seus filhos possam ser “diferentes”? Muito pela falta de conhecimento, mas ainda, também, pelo preconceito imposto pela sociedade.

Quantas serão as crianças que ao ler este conto reconhecer-se-ão na situação da Princesa Antonieta e do Príncipe George? Sofrendo por não entenderem os motivos de serem rejeitados ou excluídos socialmente, por serem “diferentes” dos padrões impostos pela sociedade, muitas vezes sendo limitados, até mesmo, a terem acesso à educação.

Quantas professoras e professores se identificarão com o único professor do reino de Urutaí por terem que trabalhar em condições precárias, sem uma formação adequada, pois os governantes não investem em educação?

Sim, caríssimos leitores, esta é uma história de ficção que retrata a realidade atual de nossas escolas, de nossos governantes e que, graças ao olhar sensível desses autores-alunos, podemos refletir sobre o que cada um de nós estamos fazendo (e podemos fazer)

para mudar essa situação.

Que possamos contar com muitos reis Georges em nossa vida que, inspirados em Princesas Antonietas, buscam fazer a mudança em nossa educação, incluindo a todos em prol de uma educação de qualidade, pública e para todos.

Vinicius Martins Varela

Professor da Universidade Federal da Paraíba-UFPB

Henrique Martins Varela

Estudante da Licenciatura e Bacharelado em
Enfermagem pelo CCS/ Universidade Federal da
Paraíba-UFPB

Comentário 4

Um conto de fadas escrito no Sec. XXI não perde o seu encanto quando é escrito por jovens que ainda acreditam que a educação é e sempre será a grande mola propulsora capaz de transformar pessoas e de mudar o mundo! As questões socioculturais, étnico-raciais e as relações familiares são abordadas na história de forma leve, simples, mas repleta de significações e reflexões em cada um desses temas.

Escrita por alunos do curso de Educação Física, mostra-nos que cada um pode contribuir com o seu conhecimento de mundo, seu aprendizado e ensinar aos outros que, apesar de infortúnios ao longo de nossa existência, há momentos para comemoração.

"Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutai: sonhos de Antonieta" é leitura obrigatória para quem também acredita na transformação do mundo pela educação. Uma história apaixonante, com um desfecho encantador!

Silvania Márcia Bezerra Viana
Professora da Universidade Federal do Piauí

Comentário 5

KK

Começo este texto assim... gargalhando muito, gargalhando alto e, portanto, lembrando-me do meu pai, quem dizia que eu era a dona da maior gargalhada. E por que me pego com esse sorriso solto? Logo que comecei a leitura do conto *“Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta”*, identifiquei-me com a rainha Lucineide, nome diferente para uma rainha, mas comum no nordeste do Brasil, conheço várias mulheres, além de primas com esse nome. Bem... e por que me identifiquei? Assim como a rainha Lucineide, demorei para ser mãe, quando depois de mais de 10 anos de uma união estável e já próxima aos 40 anos, fui presenteada com a gravidez da Renata, minha primeira filha viva, fiquei muito feliz apesar de não ter pulado ou gritado de alegria como fez a rainha.

Além do tempo demorado para o primeiro filho, também demorei para saber o sexo do meu bebê.

Numa coisa invejei a rainha: queria ser mãe de gêmeos, um sonho que passou do meu pai para mim. Não foi assim, mas quase... a diferença de idade entre meus dois filhos é de apenas um ano e onze meses. Continuando então a leitura, seguem as identificações... as histórias contadas por Lucineide às suas amigas, fizeram-me lembrar de muitas conversas minhas com amigos e amigas sobre o meu TSU e Nami, depois do nascimento de Rennan, meu segundo filho. Imaginem as aventuras! Eles, juntos, de fato, faziam jus ao apelido que carinhosamente os coloquei. E isso foi inspirador para, pelo menos quatro casais amigos, que se animaram e se tornaram pais. KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK Não seguro o riso, será que esses autores me conheceram?

Mais identificações surgiram, como o sentimento de culpa que como mãe sentimos ao não perceber logo quaisquer problemas dos filhos, ou mesmo quando em um piscar de olhos, acidentes acontecem. Enfim, este livro uma vez mais me faz recordar que a maternidade foi a minha maior universidade.

Fiquei triste no capítulo 12, pois fui surpreendida com a morte de Antonieta. Por que matar a protagonista da história? De início me trouxe um sentimento de insatisfação com a decisão do autor, mas logo me fez refletir sobre a questão de ser a morte a coisa mais certa que temos na vida. E pensando na escola e em todo o tabu que ainda rodeia o tema da morte, fez-me recordar uma investigação que conheci na Espanha sobre a pedagogia da morte, que visa preparar a escola para assumir a temática do luto como algo natural. Além dessa, conheci também outras e lembro, muito bem, a data, porque foi exatamente um mês após a morte de meu pai (13.11.2019) quando fui para o lançamento do livro *“Luto en colores: repensar la muerte para celebrar la vida”* e simplesmente fiquei bastante tocada com a obra. A mensagem desse e dos capítulos seguintes, ou dos episódios de morte da história é essa, especialmente na fala do rei após a perda de sua irmã Antonieta quando diz: Mas o nosso reino precisa andar!!! Assim é... depois da morte de

nossos entes queridos, a vida sempre continua para os que ficam, e se guardamos aquilo que de melhor ele nos tenham dado, ameniza a dor e nos ajuda a celebrar nossa vida.

Gostei muito da criatividade dos autores de mesclar família e seus conflitos com escola e as necessidades presentes nela, sonhos e as realizações desses. Considero que, tratar da escola como um espaço onde se deve acontecer a inclusão de diferentes, independente de que essas diferenças sejam por deficiências, classes sociais, cor de pele, entre outras; falar de crenças, da morte, da importância de valorizar a escola desde casa, foram discussões muito bem concatenadas e que certamente abrirão, de alguma forma, os olhos dos leitores, além de conseguir que esses se espelhem, como foi meu o caso, em muitas situações. Obrigada pela oportunidade de participar de tão belo trabalho.

Racquel Valério Martins

Profa. Visitante FAIND-UFGD / Dra. em Educação
USAL.

Comentário 6

Favorecer a criatividade e a liberdade de expressão nas práticas pedagógicas faz-se imprescindível em tempos de intensos desafios e complexidades socioculturais, políticas e econômicas. “Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta” nos transporta ao tapete mágico voador que liga o mundo visível ao invisível, à lâmpada mágica de Aladim, aos símbolos, arquétipos e magia dos reinos encantados das estórias infantis. A fantasia tem a função essencial de preservar a integridade da nossa personalidade em um contexto muitas vezes intolerável e ameaçador. A identificação com os nobres personagens nos permite projetar nossos sonhos, anseios, desejos e, assim, autorrealizamo-nos de forma representativa. Os Sonhos de Antonieta nos reconectam à nossa criança interior e de mãos dadas brincamos no Mundo do Faz de Conta, onde acionamos as memórias empoeiradas das alegres e inocentes brincadeiras da infância. A doce aventura

nos conduz a reeditar sensações, emoções e significados que permeiam a subjetividade e memória histórica coletiva constituintes da nossa psiquê. Conhecer a Avaliação Materializada, através da construção de textos, oportunizou a imediata identificação com ferramentas utilizadas ao longo de 20 anos de docência, tendo sempre optado por avaliações participativas, dinâmicas que favoreçam o processo grupal. Dramatizações, rodas de conversa e vivências promovem a interlocução, a rotatividade dos papéis no grupo e a produção compartilhada de experiências. Piaget afirma que o conhecimento requer a ação e só aprendemos o que tem significado para nós. Na educação centrada no estudante, de Carl Rogers, os dons, talentos e potencialidades expressam-se naturalmente na pessoa. Henri Wallon enfatiza o papel da afetividade na aprendizagem na psicogênese da pessoa completa. Vygotsky, por sua vez, aborda a dimensão social, histórica e cultural do desenvolvimento humano. Esses influentes teóricos da Psicologia da Educação são unânimes ao

privilegiar as interações e seus respectivos pressupostos que estão claramente contemplados nas ideias para mudar o mundo através da educação. Prazer indescritível e imensa alegria participar da relevante Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo, felicito os organizadores Daniel e Ruan e a todos os autores e autoras por descortinar este fascinante universo.

Euzelene Rodrigues Aguiar

Professora da Universidade do Estado da Bahia –
UNEB / Doutora em Psicologia USAL.

Comentário 7

LEITURA INCLUSIVA É PURA FELICIDADE.

Falar de Educação, Educação inclusiva, democrática e libertária é uma felicidade.

Penso que falar de obras que possam contribuir com reflexões acerca de práticas pedagógicas inclusivas que transformamos vidas, que prima por alunos “escritores e pesquisadores” dos problemas socioculturais de seus entornos é uma felicidade redobrada.

Penso, na linha do que advoga Paulo Freire, que nossas práticas precisam ser ajuizadas por nossas teorias e não o contrário. Penso que o resultado de nossas práticas serão sempre resultados felizes se nossas teorias forem apenas e, tão somente, o alicerce dessas práticas e que a leitura seja para todos, por todos e de todos.

Precisamos pensar o quão distantes estamos da escola, do Chão da escola, precisamos pensar em inclusão e democracia!

Penso que nem todos estão incluídos nos sistemas

“miXológicos” dos multimeios e da rede mundial de computadores! Precisamos desconstruir discursos homogeneizadores! Temos leitores diversos e suportes diversos na contemporaneidade, mas também temos quem não tem nem o que comer, nem o que vestir, nem perspectivas! Temos quem esteja fora da escola mesmo dentro dela! Temos alunos no sexto ano sem saber ler! Temos escolas sem livros, apenas com o livro didático! Temos alunos nas escolas pela merenda! Como única refeição diária!

A desigualdade é nosso maior abismo! Que as Academias sigam pensando na transformação, na democracia e na inclusão. Que este livro organizado por Daniel Valério e Ruan Rocha, seja mais um alento no abismo das desigualdades de leitura e de leitores.

Mergulhemos no rio caudaloso da leitura.

Gicelma Chacarosqui

Prof. da FALE da Universidade Federal da Grande
Dourados – UFGD / Doutora em Comunicação e
Semiótica pela PUC-SP.

Comentário 8

O livro *Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: Sonhos de Antonieta*, organizado pelos professores Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita, é uma coletânea de textos que tem como ponto central a preocupação com o desenvolvimento do ser humano. É uma obra inspiradora que mergulha em temas que proporcionam reflexões sobre as práticas pedagógicas do dia a dia presentes na Educação Superior.

Escrito com sensibilidade por várias mãos que compõe o 3º período do curso de Educação Física do IF Goiano do Campus de Urutaí, um conjunto de contos que proporciona uma leitura envolvente para estudantes e professores, e também para quem é encantado pela leitura, uma vez que os contos nos levam a explorar o imaginário.

Através do livro, é perceptível a importância de nutrir os sonhos proporcionados através da educação, explorando, através dos contos e das

imagens que ilustram a obra, uma conexão com o desejo de transformação das práticas pedagógicas. Uma leitura fundamental para alunos e professores que desejam repensar as relações pedagógicas no ambiente de aprendizado.

Daniel Junior de Oliveira

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Professor da Faculdade de Inhumas-FacMais.

Comentário 9

É com grande satisfação que comento este livro, colhido como fruto de cadernos de ideias para mudar o mundo, ideia surgida durante a experiência do Professor Daniel Valério na graduação em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em particular no componente curricular do seminário temático, onde tive a oportunidade de me aproximar do professor Daniel Valério e ser uma das autoras da primeira obra dessa ideia inspiradora. Essa vivência proporcionou-me experiências únicas no curso, demonstrando na prática o fazer pedagógico.

Este livro surge para afirmar a transformação que ocorre na sala de aula quando somos proporcionados com a liberdade de expressão. Nesse movimento de reflexão e ação da prática pedagógica, ele reafirma cenários complexos em diferentes dimensões políticas, educacionais, sociais e históricas, com um viés sociopolítico que traz à luz classes frequentemente negligenciadas há décadas.

Com uma escrita leve, audaciosa e envolvente, a

leitura da obra *Um Caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta* nos cativa e nos coloca em uma posição de leitores ansiosos pelo seu desfecho, que nos surpreende de maneira gratificante. A obra está bem estruturada, abordando aspectos de todas as esferas que nos envolvem no cotidiano, com a intenção de romper com as construções sócio-históricas e dar oportunidades aos menos favorecidos, posicionando-se contra políticas nacionais que favorecem apenas uma pequena parcela privilegiada da sociedade.

Este livro proporciona um conhecimento significativo, produzido no enfrentamento da vida real. Portanto, é uma leitura extremamente importante para percebermos o quão dialógico e problematizador ele é, no que diz respeito aos saberes e fazeres na integração e formação cidadã.

Desejo que os leitores se sintam inspirados por esta obra, assim como eu me senti, e que possamos avançar juntos nessa jornada de transformação, reafirmando a importância de dar voz aos cenários

complexos que permeiam nossa sociedade.

Que este livro seja uma contribuição valiosa para a educação e para a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

Rosângela Soares Xavier

Pedagoga/UFPB.

POSFÁCIO

Um caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta é uma leitura que desperta muitas emoções. É uma história construída com episódios que nos coloca em contato com a fragilidade humana e, ao mesmo tempo, com um ímpeto de seguirmos adiante frente aos obstáculos da vida. Como toda boa história, experimentamos, através dos personagens, a alegria, a tristeza, a frustração, o desamparo e a coragem.

Os personagens Antonieta e Arthur trouxeram a temática da educação inclusiva e das relações étnico-raciais. E isso fez com que o conceito de alteridade atravessasse toda a obra, convidando-nos a fazermos o exercício de nos colocarmos no lugar do outro. Um outro que pode apresentar várias particularidades com ou sem deficiência física ou intelectual.

No decorrer da leitura, deparei-me com a pergunta que Antonieta fez a sua mãe: “O que é escola?” Alguns poderão dizer que é uma instituição onde pessoas aprendem a ler e a escrever. Certamente isso

também é uma função da escola. Mas eu me afino com a resposta que Paulo Freire escreveu em forma de poema: “A escola é... o lugar que se faz amigos”.

Esta obra desvela que é na escola que podemos conhecer outros “reinos”, ou seja, outras culturas, outros povos, outras formas de estar e de interagir com as pessoas com e no mundo. É na escola que podemos construir, através da educação inclusiva, relações humanas enlaçadas pelo reconhecimento e o respeito das diferenças entre pessoas.

Regiani Magalhães de O. Yamazaki
Universidade Federal da Grande Dourados-
UFGD

SOBRE OS AUTORES

Amanda Rodrigues de Almeida - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Eliseu Fernandes Correa - Técnico em Informática pelo IF Goiano - Campus Urutaí e Graduando em Educação Física pelo IF Goiano Campus Urutaí - no 3º Período do curso.

Emmanuel Braga do Nascimento - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Higor Henrique Brito Pacheco - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período de Educação Física

José Manuel De Azevedo Pedrosa - Técnico Em Informática pelo IF Goiano - Campus Cristalina e Graduando em Educação Física IF Goiano Campus Urutaí- 3º Período do curso de Educação Física.

Júlio Rafael Assunção de Faria - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Kainã Caixeta - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Larissa Giovanna Pereira de Lima - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Lauriely Alves da Silva - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Lucas Marques Guimarães - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Nícolas Dias De Melo - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período de Educação Física.

Pedro Caldas Peixoto - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Victor Hugo Lopes de Castro - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Vinicius dos reis Paiva - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

Yasmim De Oliveira Moreira - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período de Educação Física

SOBRE OS ORGANIZADORES

Daniel Valério Martins

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca, Doutor em Educação pela Universidade de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica – MAI da Universidad de Salamanca – USAL, professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGNEB do Instituto Federal Goiano – IF Goiano.

E-mail para contato: jjfadelino@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

Ruan Rocha Mesquita


Bacharel em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Membro do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IF Goiano; Membro do Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural – GSIAIEI e

Organizador das três edições do CIELCULTT – Congresso Internacional sobre Educação, Língua, Cultura e Territórios, desenvolvidos durante o mês de abril dos anos de 2021, 2022 e 2023 na Universidade Federal da Grande Dourados e Instituto Federal Goiano.

E-mail para contato: rocharuan@live.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753165415346540>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0766-2133>



Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo

